

*Roda de Mulheres realizada
no dia 24 de agosto, em São Carlos*



Crédito: Lucas Peres / Souluz Group

RODA DE MULHERES

**Espaço de escuta,
acolhimento e
força na ADUFSCar**

**CONFIRA
NESTA EDIÇÃO:**

**Campanha
salarial 2023
demandará unidade
e muita luta**

**Entenda a
perda do
registro sindical
da ADUFSCar**

**Restaurante da
ADUFSCar reabre
sob comando do
chef Ricardo Lobo**



EDITORIAL

Setembro de 2022

Com luta e afeto, sempre!

Os quatro meses que separam a última edição do nosso Jornal ADUFSCar desta foram intensos para a diretoria e nossa equipe de funcionárias/os. Alguns acontecimentos, entre eles o retorno presencial das atividades nos campi, têm exigido muito empenho e dedicação para que nosso Sindicato seja politicamente ativo e combativo, financeiramente responsável e administrativamente eficiente. Ao mesmo tempo, nos dedicamos com atenção especial para que as sedes da ADUFSCar em todos os campi também sejam espaços de acolhimento que contribuam para que nossas professoras e nossos professores encontrem ali força e afeto para o enfrentamento dessa dura realidade que vivemos em nosso país e na Educação pública brasileira.

Temos atuado contra os cortes no orçamento das IFES e na reivindicação por sua recomposição imediata: a partir da deliberação de nossa categoria em Assembleia Geral, propusemos a constituição do Comitê Multicampi de Lutas da UFSCar, composto pelas entidades representantes das categorias (DCE Livre UFSCar, APG UFSCar, SINTUFSCar e ADUFSCar) e também integramos o Comitê de Crise criado pelo Conselho Universitário da UFSCar (ConsUni). Em conjunto, esses comitês têm promovido diversas ações que objetivam realizar a denúncia dos cortes orçamentários e mobilizar a comunidade universitária em torno da defesa da Educação pública, gratuita, laica, inclusiva, de qualidade e socialmente referenciada. Participamos das atividades propostas para o Dia de Valorização da Universidade Pública em 11 de agosto, realizamos duas Plenárias Multicategorias, em Sorocaba e São Carlos, e estivemos ativas/os em nossas redes sociais para disseminar informação qualificada sobre os ataques e riscos

que implicam a redução drástica dos recursos públicos destinados às IFES neste ano.

Suspensão do registro sindical

Estes meses também foram particularmente importantes pelo desenvolvimento de algumas questões jurídicas que afetam o funcionamento da ADUFSCar Sindicato e que têm sido objeto de debate em nossas Assembleias e em reuniões abertas. O principal e mais grave é a suspensão do registro sindical da nossa entidade, que se deu por meio de liminar em 2015 e que foi sendo confirmada em todas as instâncias judiciais posteriores até que, em agosto de 2021, transitou em julgado e se manteve. Cabe salientar que nem a Diretoria do biênio 2021-2023 nem as/os associadas/os da ADUFSCar tinham conhecimento dessa liminar ou da suspensão que já vigorava desde 2015, pois, lamentavelmente, não houve comunicação alguma

realizada pelas diretorias anteriores ou pelos advogados que prestavam serviço à nossa entidade e que a defenderam por todos esses anos nessa causa. Mais detalhes desta questão poderão ser lidos no texto publicado nesta edição do Jornal, na página 03.

Outro acontecimento do âmbito jurídico desse período foi a sentença, integralmente favorável à ADUFSCar, com que a Justiça do Trabalho respondeu à Ação Declaratória movida por alguns membros e ex membros do Conselho Fiscal da nossa entidade que discordavam da prerrogativa da Diretoria de indicar seus representantes junto aos Conselhos Deliberativo e Fiscal e junto à Diretoria do PROIFES Federação. Um processo vitorioso que comprova a legitimidade das decisões desta Diretoria, sempre orientada pela legalidade, a ética, a democracia e em consonância com o Estatuto da ADUFSCar. No informativo enviado por e-mail a nossas/os associadas/os em 29

de julho de 2022, explicamos um pouco mais sobre esse processo, também disponível em nosso site: <https://www.adufscar.org.br/justica-do-trabalho-ratifica-decisao-da-diretoria-e-da-assembleia-geral-e-garante-indicacao-de-representantes-ao-proifes/>.

Seguimos trabalhando pela modernização de nossa comunicação e pelo aperfeiçoamento de nossos canais de comunicação e diálogo com nossas/os associadas/os. Agora em setembro, procederemos à reformulação de nossos e-mails institucionais para alcançarmos uma comunicação mais direta, objetiva e efetiva.

Por fim, vale a pena lembrar que nossas sedes nos campi de São Carlos, Araras, Sorocaba e Lagoa do Sino estão sempre abertas e nossa equipe sempre disposta e disponível para ajudar no que for preciso.

Fernanda Castelano Rodrigues
Presidenta da ADUFSCar - Sindicato
Biênio 2021-2023

PRESTAÇÃO DE CONTAS

Resumo do orçamento - Julho de 2022

Referência - Julho	Aprovado		Utilizado	
	Valor	Percentual	Valor	Percentual
CUSTEIO				
1. RECEITA: contribuição mensal, arrecadações, conta e entre outros	R\$ 2.779.516,68	100%	R\$ 1.576.758,15	57%
DESPESAS ORDINÁRIAS				
Despesas com pessoal	R\$ 1.080.000,00	38,86%	R\$ 695.788,68	64,42%
Serviços de terceiros	R\$ 375.000,00	13,49%	R\$ 278.555,41	74,28%
Despesas gerais fixas	R\$ 150.000,00	5,40%	R\$ 70.597,05	47,06%
Repasse PROIFES	R\$ 286.290,22	10,30%	R\$ 137.843,51	48,15%
Realização, participação e/ou apoio a eventos, ações sociais e políticas	R\$ 420.000,00	15,11%	R\$ 202.895,44	48,31%
DESPESAS EXTRAS				
Correios	R\$ 30.000,00	1,08%	R\$ 3.743,55	12,48%
Gráfica	R\$ 67.000,00	2,41%	R\$ 15.923,90	23,77%
Viagens - Administrativo	R\$ 20.000,00	0,72%	R\$ 7.699,02	38,50%
Material de consumo	R\$ 50.000,00	1,80%	R\$ 23.427,22	46,85%
Manutenções	R\$ 120.000,00	4,32%	R\$ 12.440,10	10,37%
MATERIAL PERMANENTE				
Equipamentos de informática, telefonia etc.	R\$ 20.000,00	0,72%	R\$ 2.314,80	11,57%
Mobiliário	R\$ 25.000,00	0,90%	R\$ 4.394,60	17,58%
Aquisição software de gerenciamento	R\$ 30.000,00	1,08%	R\$ 14.462,44	48,21%
TOTAL	R\$ 2.673.290,22	96,18%	R\$ 1.470.085,72	54,99%

*Confira o resumo dos meses anteriores em nosso site, na seção Documentos.

EXPEDIENTE

34ª Diretoria biênio 2021-2023

Fernanda Castelano Rodrigues
Presidenta

Marcos Soares
Vice-presidente

André Farias de Moura
1º secretário

Paula Serrão
1ª tesoureira

Fernando Periotto
2º tesoureiro

Monica Jones
2ª secretária

Giselle Dupas / João Alberto Camarotto
Representantes das/os aposentadas/os

Marcela Costa
Representante docentes EBTT do IFSP/São Carlos

Luiz Bezerra Neto
Representante do campus São Carlos

Nataly Lopes
Representante do campus de Araras

Lucia Lombardi
Representante do campus de Sorocaba

Fabio Grigoletto
Representante do campus Lagoa do Sino

O Jornal ADUFSCar é uma publicação do Sindicato dos Docentes em Instituições Federais de Ensino Superior de São Carlos, Araras, Sorocaba e Buri (SP)

Jornalista responsável: Vanessa Presse (MTB 57.492)
Projeto Gráfico: Agência 10 Comunicação
Impressão: Fullgraphics
Tiragem: 1500 mil exemplares
Periodicidade: Trimestral
Contato: imprensa@adufscar.org.br
Telefone (whatsapp): 16 99609-4672



ARTIGO ESPECIAL

**Marcos Soares**

Docente do DGTH/CCHB no curso de licenciatura em Geografia - UFSCar
Vice-presidente da ADUFSCar

A política econômica aplicada pelo governo Bolsonaro priorizou o agronegócio e, através de reformas como a previdenciária e o aprofundamento da reforma trabalhista do governo Temer, produziu o aumento da precarização do trabalho e da informalidade, o que tem levado cada vez mais trabalhadores a situações de vulnerabilidade, de quase nenhum direito social.

Esse cenário se complicou com o início da pandemia da COVID-19 e a necessidade de medidas de isolamento social da população como forma de conter o avanço da contaminação pelo vírus. O governo federal, que desde o início boicotou de diferentes formas as medidas recomendadas pelas agências internacionais de saúde para o enfrentamento da pandemia, nem combateu adequadamente a disseminação da COVID-19 nem “salvou a economia”, pretexto inúmeras vezes utilizado para justificar a não adoção daquelas medidas.

Chegamos a quase 700 mil mortes no Brasil e se instaurou uma crise econômica e social avassaladora, com os índices de desemprego alcançando os 15% em 2021, caindo para 11,1% no primeiro trimestre de 2022 e chegando ao segundo trimestre de 2022 em 9,3%, segundo dados do IBGE. O país vergonhosamente voltou a integrar o “Mapa da Fome”, com 33 milhões de pessoas em estado de insegurança alimentar grave, segundo a rede PENSSAN (Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional).

Nesse contexto, tanto no período anterior à pandemia quanto sob sua vigência, o governo federal não acenou em nenhum momento para a possibilidade de reajuste salarial para a categoria docente e, nem mesmo, para a reposição de perdas salariais de anos anteriores ocorridas em seu próprio mandato. E, o que foi ainda pior: anunciou, no final de 2021, um reajus-

Campanha salarial 2023 demandará unidade e muita luta

“A educação não é mera relação professor/aluno, mas é, acima de tudo, uma questão social, de formação profissional e cidadã e exige dos docentes, cada vez mais, qualificação e contínuo aperfeiçoamento.”

te de 5% apenas para policiais federais, policiais rodoviários federais e agentes de segurança do Departamento Penitenciário Nacional, o que gerou uma movimentação importante dos servidores públicos federais, organizados em torno do FONASEFE (Fórum nacional de servidores do serviço público), em uma campanha nacional unificada por recomposição de perdas e reajuste real de salários.

Fruto dessa luta e, em consonância com as discussões produzidas no FONASEFE e no PROIFES Federação, a ADUFSCar defendeu, desde janeiro deste ano, o reajuste linear de 19,99% para todos os servidores federais e, no caso do magistério superior, a reposição de perdas acumuladas, desde 2015, que totalizava 32,9% do Vencimento Básico (VB) e da Retri-

buição por Titulação (RT) de todos os níveis, classes e Regimes de Trabalho para as Carreiras de Magistério Superior (MS) e do Magistério do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico (EBTT) do Plano de Cargos e Carreiras do Magistério Federal.

Em documento de 2022 que analisa as condições salariais da carreira do Magistério Superior, o DIEESE (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos) apresentou alguns dados sobre a “corrosão” do poder de compra dos servidores, tais como o aumento da inflação e da cesta básica, o congelamento do valor do auxílio-alimentação, o aumento da alíquota previdenciária e a não correção da alíquota de 27,5% do imposto de renda que incide sobre os nossos salários.

A ADUFSCar endossa a

caracterização realizada pelo DIEESE sobre a importância do reajuste aos professores do ensino público superior: “é nesse contexto [de crise] que se coloca a necessidade de recomposição da remuneração dos docentes do Magistério Superior Federal, categoria fundamental para a formação dos cidadãos, para o avanço da ciência e para o próprio desenvolvimento do país. A educação não é mera relação professor/aluno, mas é, acima de tudo, uma questão social, de formação profissional e cidadã e exige dos docentes, cada vez mais, qualificação e contínuo aperfeiçoamento. A valorização da remuneração e das condições de trabalho desses profissionais é, portanto, da maior importância para o estímulo ao seu trabalho e para o avanço do país”.

Tendo em conta esse acúmulo de perdas e a necessidade de continuarmos na defesa da Educação pública, gratuita, laica, inclusiva, de qualidade e socialmente referenciada é que precisaremos organizar a luta unitária e nacional pela recomposição dos nossos salários dos servidores e pela valorização dos serviços públicos. Nesse sentido, a campanha salarial 2023 precisa iniciar já, de tal forma que o próximo governo (seja ele qual for) receba nossas reivindicações antes mesmo de iniciar seu mandato, e se comprometa a atendê-las.

Deliberações do Encontro Nacional do PROIFES

A proposta aprovada no XVIII Encontro Nacional do PROIFES-Federação prevê uma pauta mínima de reajuste salarial que recomponha as perdas para todos os docentes, negociada até em mais de uma parcela. As perdas montam a 40,19% com previsão de 44% ao final de 2022.

1. Reajuste dos benefícios de auxílios alimentação e pré-escolar e do ressarcimento per capita de saúde, em pelo menos 46%.

2. Reestruturação gradual das

carreiras do MS e do EBTT, com as mudanças dos degraus (steps) entre níveis para 5% em todos os casos e de 10% entre as classes A (ou D I) e B (ou D II) e entre esta classe e a classe C (ou D III) e entre a classe D (ou D IV) e E (ou Titular). Entre as classes C (ou D III) e D (ou D IV) prevê-se uma redução para 20%.

3. Aumento da diferença relativa entre os regimes de trabalho de 20h e DE dos atuais 100% para 120%.

4. Aumento do percentual de

RT/VB de doutores dos atuais 115%, 86,25% e 37,5% para 120%, 90% e 60%, respectivamente para DE, 40h e 20h, em uma valorização maior da dedicação exclusiva, como um dos elementos da valorização do trabalho das Universidades e Institutos Federais.

5. Discussão com a CNTE da defesa de um piso salarial nacional para toda a educação. Esse piso nacional seria um norteador para todas as carreiras dos professores em todas as esferas da educação pública.

 **SITUAÇÃO GRAVE**

ADUFSCar está sem

No final de junho deste ano, a Diretoria do biênio 2021-2023 foi surpreendida com a notícia de que a ADUFSCar está, desde 2015, sem registro sindical. Assim que tomou conhecimento da questão, e reconhecendo a gravidade da situação, convocamos a Assembleia Geral (AG) que se realizou em 11 de julho e encaminhamos a todas/os o “Relatório Jurídico – Situação Atual do Registro Sindical ADUFSCar Sindicato”, elaborado por nossa assessoria jurídica.

Nessa AG, que contou com a participação do atual advogado da ADUFSCar, Flávio Lazzarotto, foram esclarecidos os principais aspectos relativos à tramitação do processo e às implicações e prejuízos, tanto para a entidade quanto para nossas/os associadas/os, com a perda do registro sindical. Após várias intervenções que expressavam surpresa e indignação diante do fato de que essa gravíssima condição não foi em nenhum momento informada à categoria representada pela ADUFSCar por diretorias anteriores à do atual biênio, as/os presentes à AG deliberaram pela realização de reuniões abertas para debater e realizar propostas de encami-

nhamentos que a atual Diretoria deverá dar para a urgente regularização da situação.

Nesse momento de tamanha gravidade, a Diretoria do biênio 2021-2023, tão impactada com esses fatos quanto suas/seus associadas/os, reafirma seu compromisso de conduzir o debate com a profundidade e a transparência que este assunto nos exige e de respeitar os processos democráticos de deliberação para a execução sempre e tão somente daquilo que for decidido coletivamente por nossa base em assembleias e consultas a serem realizadas de acordo

com o Estatuto da ADUFSCar e a legislação vigente.

Entenda o processo

O Relatório Jurídico assinado pelo advogado Flávio Lazzarotto apresenta a atual situação do registro sindical da ADUFSCar Sindicato e resume o processo no 0000462-04.2015.5.10.009, que teve início em março de 2015 e tramitou inicialmente na 9ª Vara do Trabalho de Brasília/DF. Nele, o ANDES (Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior) requereu a suspensão da concessão do registro sindical que

o Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) havia concedido, em 12 de dezembro de 2014, à ADUFSCar Sindicato. Menos de quatro meses depois, em 30 de março de 2015, foi aceitou o pedido de liminar constante no início do processo e o registro foi suspenso. A sentença em primeira instância, de 31 de julho daquele mesmo ano, confirmou a liminar e manteve a suspensão.

Mesmo tendo havido recursos da ADUFSCar em todas as instâncias, nenhum prosperou e, em 30 de junho de 2021, com trânsito em julgado na 1ª Turma do Tribunal Superior do Trabalho, ficou mantida a anulação do registro sindical.

A perda do registro sindical da ADUFSCar é tão séria do ponto de vista jurídico quanto do político e do financeiro. O fato de que nem as/os associados nem a atual Diretoria da ADUFSCar foram comunicados dessa gravíssima situação pelas diretorias anteriores, tanto as que acompanharam o processo desde sua abertura, em 2015, quanto a diretoria do biênio 2019-2021, que recebeu a notificação do trânsito em julgado e, portanto, da finalização

“*A Diretoria do biênio 2021-2023 tem colocado de maneira clara e transparente sua posição com relação à perda do registro sindical da entidade e, tão logo conheceu esses fatos, fez questão de comunicá-los a suas/seus associadas/os e iniciar um processo permanente e aberto de escuta e diálogo.*”

Breve histórico: ADUFSCar Seção Sindical e ADUFSCar Sindicato

A ADUFSCar foi fundada em 1978 como Associação dos Docentes da Universidade Federal de São Carlos. As primeiras diretorias eleitas participaram ativamente das ações políticas no âmbito interno e externo à UFSCar e se engajaram na luta pela construção do movimento sindical nacional, tendo sido protagonistas tanto da fundação da Associação Nacional dos Docentes de Ensino Superior (naquele momento, a ANDES), em 1981, quanto de sua transformação, em 1988 após a promulgação da Constituição Federal, a Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior (o ANDES-SN). A ADUFSCar foi vinculada ao ANDES por vinte e cinco anos, entre 1981 e 2006.

A partir de 2004, a ADUFSCar desempenha papel fundamental na criação do Fórum de Professores das Instituições

Federais de Ensino Superior (PROIFES), tendo participado também com destaque em suas atividades e, em 2010, de sua passagem de Fórum a Federação nacional. Desde 2004, nossa entidade está vinculada ao PROIFES.

No processo que marcou a relação entre a ADUFSCar e a criação do PROIFES, enquanto entidade nacional que congrega sindicatos representantes de docentes de instituições federais de ensino, é que se dá a fundação da ADUFSCar Sindicato. Fundada em 20 de dezembro de 2006, o registro sindical desta nova entidade foi solicitado logo em seguida ao Ministério do Trabalho e Emprego. O pedido tramitou durante longos oito anos e, finalmente, em 12 de dezembro de 2014, o registro foi concedido.

No entanto, o modo pelo qual se operacionalizou a fundação

da ADUFSCar Sindicato acumulou problemas que, agora, se refletem na deplorável situação de perda do registro sindical e na séria crise institucional que estamos tendo que atravessar, com significativos efeitos jurídicos e prejuízos para nossas/os associadas/os.

Por um lado, a diretoria à frente do processo na época não cumpriu com os ritos exigidos pela legislação brasileira: não efetivou o encerramento da ADUFSCar – Seção Sindical do ANDES-SN, o que deveria ter sido realizado por meio de uma assembleia de “desmembramento”, na qual as pessoas filiadas à seção sindical deveriam expressar sua conformidade com o cessamento de suas atividades. Nesse sentido é que a Justiça compreendeu que, sem esse primeiro e imprescindível passo, a fundação da ADUFSCar Sindicato foi irregular, por

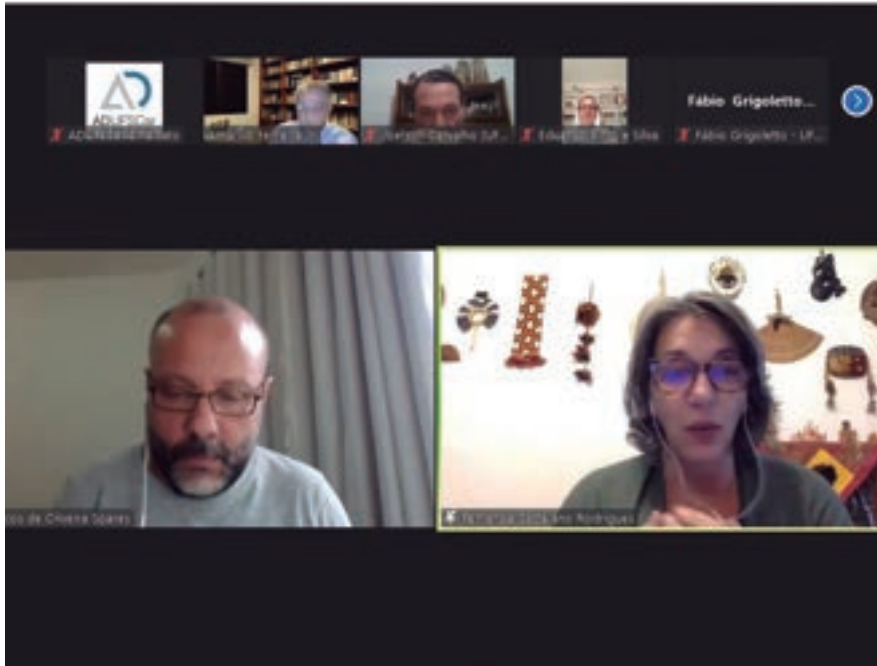
terem sido desconsideradas as etapas necessárias previstas em lei para sua realização. Ademais, a fundação de um sindicato com a mesma base territorial e representação de uma mesma categoria, com relação à não encerrada Seção Sindical do ANDES, configurou um ilícito ao que preconiza o Inciso II do artigo 8º da Constituição Federal, no que diz respeito à unicidade sindical.

Por outro lado, esse procedimento também produziu uma situação política de animosidade que caracteriza até hoje as relações entre pessoas e grupos que participam da ADUFSCar, uma vez que a vontade da base de associadas/os foi desconsiderada, já que não houve oportunidade de expressão de sua vontade em consulta específica sobre a desvinculação ou não da ADUFSCar Seção Sindical do ANDES-SN.

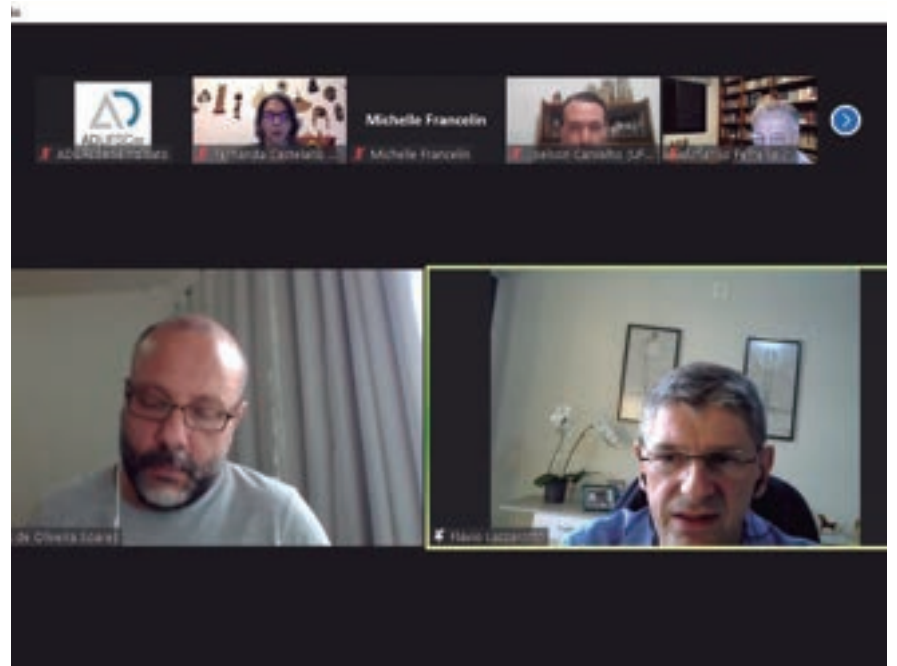
SITUAÇÃO GRAVE

Setembro de 2022

registro sindical desde 2015



Reunião virtual ampliada realizada em 08 de setembro



Reunião contou com a participação do atual advogado da ADUFSCar, Flávio Lazzarotto

do processo no TST, pode ser interpretado como uma omissão deliberada por parte daquelas/es que tinham essas informações, mas optaram por ocultá-las.

Na tentativa de reconstruir as informações que de fato foram divulgadas durante esse longo período de seis anos nos quais tramitou o processo, a atual Diretoria está organizando o arquivo com os Comunicados da entidade nos quais foram abordadas questões que envolviam o registro sindical desde 2015. Em breve, todos estarão disponíveis para consulta no site www.adufscar.org.br

Implicações da perda do registro sindical

Desde 2015, com a concessão da liminar que suspendeu o registro sindical da ADUFSCar, nossa entidade perdeu o direito de representação da categoria docente da UFSCar e do IFSP/campus São Carlos, tendo passado a funcionar juridicamente como “associação”, e não como “sindicato”. Essa é uma situação de vulnerabilidade jurídica para as/os associadas/os da entidade e de fragilidade na representação da categoria junto às instituições.

Uma das consequências da perda do registro sindical e, portanto, do estatuto de “sindicato” é o fato de que a ADUFSCar não pode iniciar ações coletivas em nome da categoria. A atual assessoria jurídica apurou, inclusive, que houve ações civis públicas iniciadas pela ADUFSCar em 2020 que foram extintas “sem resolução de mérito”,

ou seja, sem ao menos serem apreciados os pedidos judiciais, por falta dessa representatividade legal. Dentre essas ações, há uma, por exemplo, sobre a manutenção de adicionais noturno, periculosidade e insalubridade, reivindicação de direitos de uma grande parte da categoria docente e que, lamentavelmente, não prosperou, ocasionando perdas inestimáveis para cada professora/professor potencial beneficiária/o do processo, caso fosse vitorioso.

Caminhos possíveis para a regularização da situação jurídica da ADUFSCar

A Diretoria do biênio 2021-2023 tem colocado de maneira clara e transparente sua posição com relação à perda do registro sindical da entidade e, tão logo conheceu esses fatos, fez questão de comunicá-los a suas/seus associadas/os e iniciar um processo permanente e aberto de escuta e diálogo.

Nosso compromisso, enquanto direção da entidade, será o de conduzir o processo de decisão sobre o caminho a ser percorrido para a regularização da situação jurídica da ADUFSCar com base na vontade expressa pela categoria, realizando o número de reuniões abertas, assembleias e consultas que se faça necessário para que esta decisão, por um lado, conte com a participação ativa de nossas/os filiadas/os e seja de conhecimento de todas/os, e, por outro lado, observe, de maneira estrita, o que prevê o Estatuto da ADUFSCar e a legislação

brasileira vigente.

Por ora, duas possibilidades se colocaram em pauta: o reinício do processo de solicitação do registro da ADUFSCar Sindicato junto ao MTE ou a reabertura da ADUFSCar Seção Sindical do ANDES-SN. No primeiro caso, até onde pudemos apurar e considerando o conteúdo das sentenças do processo que resultou na perda do registro da ADUFSCar Sindicato, será necessário realizar uma assembleia que discuta e delibere pelo “desmembramento” da base da ADUFSCar com relação ao ANDES-SN. No segundo caso, será preciso que, também em assembleia, haja deliberação por reativar a ADUFSCar Seção Sindical do ANDES-SN, regularizando a situação junto a esse sindicato nacional, bem como a do CNPJ vinculado à seção antiga, que está inativo.

A Diretoria está realizando as pesquisas e consultas pertinentes aos encargos jurídicos e financeiros envolvidos em cada uma dessas opções e tem trazido todas as informações e esclarecimentos para as assembleias e reuniões abertas que tratam da questão.

Calendário de reuniões abertas

Por deliberação da Assembleia Geral ocorrida em 11 de julho de 2022, a Diretoria iniciou uma série de “reuniões abertas” para promover o debate sobre a forma como deve ser encaminhada a urgente regularização da situação de ausência de registro sindical por

parte da ADUFSCar. O objetivo dessas reuniões é compilar propostas que serão encaminhadas a assembleia para deliberação, sempre em conformidade com o Estatuto da ADUFSCar e a legislação vigente no país.

A primeira reunião ocorreu em 08 de setembro e contou com a participação de aproximadamente cinquenta associadas/os. Foram discutidas e elencadas propostas de encaminhamento e também proposto um calendário de três reuniões para dar prosseguimento a este processo democrático e transparente de debate, que deverá culminar na decisão tomada pelas/os associadas/os a ser implementada pela Diretoria da ADUFSCar. As reuniões ocorrerão sempre às 17 horas. Confira as datas:

Outubro
05 (quarta-feira) e
25 (terça-feira)

Novembro
07 (segunda-feira)

Reserve espaço em sua agenda para participar. O momento é grave e precisamos buscar a resposta política que vai nos conduzir à escolha do melhor caminho jurídico a seguir. Vamos juntas e juntos continuar a luta por uma ADUFSCar mais forte, mais democrática e verdadeiramente representativa!



Flávia Bezerra de Menezes Hirata Vale
Docente do Departamento de Letras - UFSCar



Joelson Gonçalves de Carvalho
Docente do Departamento de Ciências Sociais - UFSCar

ARTIGO ESPECIAL

Participação inédita da ADUFSCar no Encontro Nacional do Proifes

O XVIII Encontro Nacional do Proifes – Federação foi realizado entre os dias 13 e 15 de julho, em Natal – RN. A delegação da ADUFSCar - Sindicato contou com 8 delegadas/os eleitas/os, além do vice-presidente da ADUFSCar, Prof. Marcos Soares, que foi como delegado representante da diretoria. Durante os três dias do evento, tivemos a oportunidade não só de conhecer colegas de todos os sindicatos federados ao PROIFES, como também as realidades desses sindicatos, suas políticas institucionais e as ações voltadas para as/os associadas/os. Uma experiência importante quando consideramos a necessidade perene de se avançar com melhorias e benefícios em prol da categoria.

Destacamos que, neste ano, a eleição das/os delegadas/os

da ADUFSCar se realizou de maneira inédita na ADUFSCar, uma vez que todas as candidatas/os tiveram de submeter, no momento de sua inscrição, um texto propositivo a respeito de um dos eixos temáticos do XVIII Encontro Nacional do Proifes, a saber: (1) A crise da sociedade brasileira e seu aprofundamento em 2022 e os reflexos nas IFES; (2) PNE: a necessidade de um debate sobre seu futuro; (3) Educação, Direitos Humanos e diversidade: o papel da Federação nessa luta; (4) Valorização das/os profissionais da educação: formação, carreira, remuneração e condições de trabalho e saúde: o papel da Federação nessa luta; (5) a defesa da autonomia e a gestão democrática nas IFES: a necessidade de aprofundar a democracia nesse espaço; (6) os desafios da construção de uma Nação

Soberana e a atuação da Federação nesse processo. Além disso, todas/os tiveram de apresentar e defender seus textos publicamente, em sessão especialmente convocada pela ADUFSCar para este fim. Depois disso, foi efetivada a votação, que teve uma participação expressiva das/os associadas/os, o que, sem dúvida, mostra que o debate de proposições sempre é importante dentro de um sindicato como o nosso.

Consideramos que o procedimento de escolha de delegadas/os adotado pela ADUFSCar se revelou estratégico durante o XVIII Encontro, uma vez que de todos os sindicatos participantes do encontro, apenas a ADUFSCar tinha textos relativos a todos os eixos temáticos, mais de um em alguns casos. Isso permitiu que nossos delegados tivessem propostas aprovadas em todos os eixos,

indicando o acerto do método de escolha das/os delegadas/os e a capacidade de articulação e disposição dessas delegadas/os para a discussão de temas tão importantes para a categoria docente e para a educação brasileira.

Temos a convicção de que se tratou de uma das mais qualificadas participações da ADUFSCar nos encontros do PROIFES, em que, pela primeira vez, se respeitou de fato a multiplicidade de posições que são constitutivas de nosso sindicato. Não basta falar de pluralidade, é preciso fazê-la acontecer. Externamos nossos cumprimentos à Diretoria da ADUFSCar pela posição assumida na escolha das/os delegadas/os, que foi extraordinária, em todos os sentidos, e que recomendamos seja tornada a nossa prática para os próximos encontros.

*Os textos assinados são de responsabilidade de seus autores e não necessariamente refletem a opinião da ADUFSCar.

● OBSERVATÓRIO DO CONHECIMENTO

Estudo revela que liberdade acadêmica está em risco

Os primeiros resultados do estudo sobre ataques à liberdade acadêmica no Brasil revelam um cenário preocupante: cerca de 58% dos participantes conhecem pessoas que já sofreram limitações ou interferências indevidas em seus estudos ou aulas. E entre 35 e 42% já limitaram aspectos de suas próprias pesquisas e conteúdo de suas aulas por receio de retaliações. Além disso, 43% dos respondentes avaliaram como ruins ou péssimos os procedimentos de

suas instituições para lidar com denúncias de ameaças à liberdade acadêmica.

A investigação é resultado de um estudo conjunto do Observatório do Conhecimento, do Centro de Análise da Liberdade e do Autoritarismo (LAUT), e do Observatório Pesquisa, Ciência e Liberdade da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), que coletaram os dados entre os meses de agosto e dezembro de 2021.

O objetivo da pesquisa foi averiguar a percepção de docentes do ensino superior, pesquisadores e estudantes de pós-graduação sobre violações e ameaças ao exercício da liberdade acadêmica e de cátedra ao longo dos últimos anos.

“Estamos em um cenário em que docentes e pesquisadores estão acuados, amedrontados e desvalorizados”, explica a cientista política Mayra Goulart, coordenadora do Observatório do Conhecimento e vice-presidente da ADUFRJ. Segundo ela, a principal justificativa para a autocensura é o temor de perder o financiamento. “O ensino e a pesquisa não encontram uma autonomia

e estabilidade de financiamento que garanta a esse professor as condições necessárias para fazer seu trabalho”, afirma Mayra.

A pesquisa ainda está em sua primeira fase. O grupo que a coordena montou um questionário com 30 perguntas, respondidas anonimamente por 1.116 pessoas. A segunda fase será qualitativa, desenvolvida a partir das respostas das perguntas discursivas. Ela vai focar no relato dos professores que sofreram algum tipo de censura ou autocensura

O relatório completo da primeira fase da pesquisa está disponível no site www.observatorioconhecimento.org.br.



Eduardo Rolim de Oliveira
Diretor de Previdência Complementar da Associação Nacional dos Participantes de Fundos de Pensão e de Beneficiários de Saúde de Autogestão (Anapar) e diretor de Relações Internacionais do Proifesp Federação.

Ao reabrir pela quarta vez o prazo de opção para migração de regime previdenciário até o dia 30 de novembro deste ano, o governo Bolsonaro tenta impor mais um enorme prejuízo aos servidores públicos agora no cálculo do Benefício Especial (BE) para aqueles que migrarem do Regime Próprio de Previdência Social (RPPS) para o Regime de Previdência Complementar (RPC).

Isso ocorre em função da elevação da média das maiores remunerações de 80% para 100% de todo o período contributivo, com prejuízo estimado de 9,3% no valor esperado do BE e no aumento da exigência do tempo de contribuição, em função da reforma da previdência de 2019, que passou de 35/30 anos para homens/mulheres para 40

ARTIGO ESPECIAL

Funpresp está sob riscos com a MP 1.119/2022

anos, com prejuízo de 12,5% para os professores homens e 25,0% para as professoras mulheres, neste caso do ensino superior. Para os professores do ensino básico é ainda pior, como o tempo de contribuição era 30/25 anos para homens/mulheres, o prejuízo é de 25 e 37,5% respectivamente.

Com o quadro de arrocho salarial sobre os trabalhadores do país, os servidores estão pagando, desde 2020, uma contribuição previdenciária exorbitante de 17% sobre a remuneração mensal, podendo ser elevada ainda por contribuição extraordinária em 20 anos para cobrir déficit do RPPS da União. Isso não é previdência, é confisco para financiar as escolhas nefastas do Orçamento Público e dos improvisos das políticas econômicas e sociais que tanto tem prejudicado os brasileiros, com desemprego e fome.

A orientação dos sindicatos dos servidores e da Anapar é para que os servidores não realizem, por enquanto, a migração de regime previdenciário até que as 201 Emendas apresenta-

das pelos deputados e senadores à MP sejam examinadas e incorporadas ao texto.

Outra mudança sorrateira apresentada na MP foi a exclusão da natureza pública da Funpresp, o que pode implicar na privatização das contas individuais de aposentadoria dos servidores públicos federais.

A Funpresp-Exe, depois de nove anos de existência, conta atualmente com mais de 108 mil participantes e 185 patrocinadores/órgãos públicos, inclusive as Universidades Federais, com patrimônio financeiro R\$ 5,4 bilhões. Os servidores têm representantes nos órgãos colegiados da Fundação, mas não podemos concordar com mais esse golpe sobre os servidores públicos. A retirada da natureza pública vai significar a farrada dos supersalários dos diretores e gerentes da Fundação, que podem chegar a R\$ 75 mil por mês, em inobservância ao teto remuneratório da administração pública.

Além disso, outra grave mudança na gestão da Funpresp é

o regime de contratações que até então era pela Lei de Licitações nº 8.666/1993 e agora passou para o RDC/Regime Diferenciado de Contratações dos artigos 28 a 84 da lei nº 13.303/2016, que permite a contratação direta de terceiros, como bancos de investimentos, seguradoras e outros, podendo incorrer no que aconteceu no Instituto Postalís, como fraudes, desfalques, déficits e prejuízos aos trabalhadores.

Outro efeito negativo da exclusão da natureza pública foi a redução na dedução dos IRPF para os servidores que podia chegar a 20,5%, prevista no § 6º do artigo 11 da Lei 9.532/1997, limitando agora em 12% como outras entidades de previdência privada.

Ou seja, essa MP é um “bode” para os servidores públicos, e coloca em dúvida o futuro previdenciário da administração pública. E mais uma vez teremos que lutar no Congresso Nacional para rever os novos parâmetros do BE/Benefício Especial e suprimir essa tentativa de privatizar a Funpresp.

*Os textos assinados são de responsabilidade de seus autores e não necessariamente refletem a opinião da ADUFSCar.

COMITÊ DOS APOSENTADOS

ADUFSCar realiza debate sobre o Decreto 10.620/21

O Comitê Aposentadas/os da ADUFSCar realizou no dia 28 de junho, uma *Live* para discutir os impactos da passagem das aposentadorias de docentes da UFSCar para o INSS. O debate está disponível em nosso canal do Youtube.

O encontro teve a participação do prof. Eduardo Rolim de Oliveira (ADUFRGS), membro da Diretoria do PROIFES Federação e Diretor de Previdência Complementar da ANAPAR; de Mirian Santos, presidenta do Fórum Nacional de Pró-Reitores de Gestão de Pessoas (FORGEPE) e docente na UFRN; de José

Francisco Gregoracci, TA do Departamento de Aposentadorias, Pensões e Benefícios – ProGPe/UFSCar; e do prof. Francisco Alves (Chiquinho), docente titular aposentado do DEP/UFSCar. A mediação foi do prof. Marcos Soares, vice-presidente da ADUFSCar.

A atualização das reuniões realizadas entre o FORGEPE e a diretoria do INSS; os impactos do Decreto 10620/21 e questões que afligem as/os docentes; os procedimentos para a transição,



prazos da UFSCar e avaliação sobre a migração para o INSS, são alguns dos pontos abordados

durante o debate. Acesse nosso canal no Youtube (ADUFSCar Sindicato Oficial) e assista.



ARTIGO ESPECIAL

Ucrânia: réplica ao artigo da Profa. Svetlana Ruseishvili

Emerson Leal

Docente-aposentado da UnB e da UFSCar

De início, preciso explicar que minha réplica ao artigo “*O que Putin quer na Ucrânia*”, da professora Svetlana – do Departamento de Sociologia da UFSCar –, publicado na Edição 02 do “Jornal da ADUFSCar”, refere-se exclusivamente à análise política que ela fez dos eventos relacionados com a guerra na Ucrânia, chamada pelos russos de “Operação Especial para desnazificar e desmilitarizar” o país, infestado de neonazis. Não sou sociólogo, sou físico, da área de “Física Atômica e Molecular”; mas, assim como a professora Svetlana e todos os cidadãos do mundo, tenho o direito de também fazer análises políticas. As minhas, diferem-se das dela.

(a) Já no primeiro parágrafo, há uma divergência profunda: ela diz que a guerra que Putin iniciou na Ucrânia “*É uma guerra sem objetivos claros, com fundamentos ideológicos e messiânicos e que fez da Rússia um país pária no continente*”. Como assim? Putin colocou claramente para o presidente vassalo dos EUA – Volodimir Zelensky – as condições para um acordo diplomático de paz: (1) que a Ucrânia parasse de boicotar os Acordos de Minsk (o que significa dizer, *parassem com o genocídio* – àquela altura – de cerca de 15 mil ucranianos de etnia russa); e (2) que ele se comprometesse a não permitir a instalação de uma base da OTAN no ‘calcanhar’ de Putin, a 450 Km de Moscou. Zelensky simplesmente se fez de surdo e mudo, por exigência do chefe maior das potências centrais (Joe Biden).

Moral dessa história: Putin não teve outra alternativa, senão dar início à operação especial, invadindo a Ucrânia. O povo russo não o perdoaria, se ele não tivesse tomado essa decisão. Tanto é assim, que hoje a popularidade dele na Rússia é de mais de 90%! Quanto à assertiva da professora, no sentido de que a decisão do governo russo fez do país um “pária no continente”, nada mais longe da realidade. A Rússia é odiada por todos os países das potências centrais do capitalismo gângster desde sempre. E agora muito mais, pela derrota que vêm sofrendo, que não é só de Zelensky, mas primeiro – e antes de tudo – das potências centrais: EUA e União Europeia. Ainda mais que as sanções contra a Rússia têm representado um tiro no pé do próprio imperialismo.

Professora Svetlana, Putin não tem qualquer objetivo “messiânico”. Ele não quer conquistar terras. Assim fosse, a guerra estaria

sendo realizada de um modo muito, mas muito diferente. O que ele quer, é garantir a segurança estratégica da Rússia, que o Ocidente queria desmontar com a ajuda do neonazi Zelensky. *O próprio Kissinger disse há pouco, que a Ucrânia tinha de ser um país neutro – “como a Suíça” – para pacificar a Europa.*

(b) Kiev foi o berço dos eslavos, mas a Ucrânia só existiu *como país* a partir do fim da URSS, no início da década de 1990. Antes da Revolução de Outubro de 1917, a parte ocidental da – hoje – Ucrânia era dominada pelo Império Austro-Húngaro; e a parte oriental, pelo Império Russo. A partir de 1922 – com a criação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas – o governo soviético, comandado por Lenin, criou um PAÍS (a URSS), do qual fazia parte – além de 14 outras repúblicas, inclusive a Rússia –, uma chamada *Ucrânia*, cujos limites territoriais foram estabelecidos pelo governo soviético junto, óbvio, com os comunistas ucranianos. E mais, falar que a “Ucrânia obteve sua independência do julgo russo apenas em 1991”, é estranho. A URSS era um país, cujo governo era formado por representantes das 15 repúblicas, *inclusive pela Ucrânia*. O PAÍS (URSS) simplesmente acabou em 1991 e essas repúblicas transformaram-se em países. Simples assim. De que “julgo” então a senhora está falando?

(c) *A Crimeia nunca pertenceu à Ucrânia!* Ela foi conquistada no século XVII pelo Império Russo; perdeu-a no século XVIII para o Império Otomano e a reconquistou no século XIX! Em 1954, o premier soviético Nikita Khrushchev – que era mais ucraniano que russo –, numa ‘canetada’, passou a ADMINISTRAÇÃO da península da Crimeia (*que pertencia a um país chamado URSS*) para o governo da República da Ucrânia. 62,2% da população da Crimeia é de etnia russa; 22,3%, de etnia ucraniana; 10%, de etnia tártara; e o restante, de várias outras etnias. Os investimentos que a URSS tinha feito na península foram extraordinários, principalmente na área de segurança. O parlamento da Crimeia decidiu realizar, em março de 2014, um referendo para decidir com quem ia ficar a península: *com a Rússia ou com a Ucrânia?* Mais de 80% dos habitantes da Crimeia decidiram pela Rússia. Portanto, sugerir que Putin anexou a Crimeia pela força, é declarar apoio explícito à narrativa mentirosa do imperialismo e de seus aliados do capitalismo gângster.

(d) O golpe de MAIDAN – que a Profa. Svetlana chama de

“insurreição popular” – foi indiscutivelmente uma articulação dos EUA para derrubar um governo democraticamente eleito, que era aliado da Rússia. Segundo Julian Assange (*WikiLeaks*), a CIA investiu US\$ 6,3 bilhões para derrubar o governo de Yanukovitch e colocar no seu lugar um banqueiro de extrema-direita – vassalo dos EUA! Foi esse presidente testa-de-ferro do governo norte-americano e os demais, que o sucederam – principalmente Petro Poroshenko e Zelensky – que vinham promovendo, depois do golpe de 2014, o genocídio contra os ucranianos de origem russa: cerca de 15 mil almas humanas, sobre quem a professora sequer se referiu (*vidas russas não importam, professora?*). Portanto, Putin *não incentivou* qualquer movimento separatista das repúblicas de Donetsk e Lugansk. Esse movimento foi um gesto de legítima defesa – de iniciativa dos habitantes de Donbass contra os neonazis ucranianos que vinham tentando fazer uma limpeza étnica ali (na província de Donbass) – que Putin passou a apoiar como única saída para que os russos-ucranianos não fossem massacrados mais ainda, como já vinham sendo desde o golpe de Maidan em 2014. Lamentável que a Profa. Svetlana esteja defendendo os falcões dos EUA, jogando a responsabilidade sobre Putin de forma absolutamente equivocada.

(e) Considero um contorcimento retórico e russofóbico afirmar que os nazistas ucranianos do *Batalhão de Azov* sejam russófonos (ou seja, ucranianos-russos). Esse batalhão é originário de Mariúpol (que fica na costa do Mar de Azov) e ‘explodiu’ em crescimento após o golpe de Maidan. É a unidade mais violenta da Guarda Nacional da Ucrânia, cuja adoração a Hitler e a Stepan Bandera (aliado dos nazistas na Segunda Guerra Mundial, com forte protagonismo no massacre de ucranianos e soviéticos de todas as etnias) fica evidente através das tatuagens não só de todos os símbolos nazistas em seus corpos, mas também das efígies de Hitler e Bandera. *São os soldados do Batalhão de Azov os principais protagonistas no genocídio de 15 mil ucranianos-russos na província de Donbass, desde 2014.*

(f) A Profa. Svetlana inverte a ordem dos acontecimentos no caso da OTAN. Esta organização militar foi gestada no ventre do imperialismo norte-americano em 1949, com o alibi mentiroso de evitar que a URSS invadisse os países europeus do Ocidente. A criação do *Pacto de Varsóvia* – como resposta ao cerco promovido pelos EUA e seus aliados

– deu-se em 1955! Com a extinção da URSS, em 1991, este Pacto foi dissolvido, mas a OTAN continua aí, até hoje. Os EUA se comprometeram a não avançar com a OTAN em direção ao Leste “uma polegada sequer”. A história já expôs a falácia e a desonestidade das potências centrais imperialistas neste sentido: a OTAN continuou e continua avançando para o Leste, ao ponto de exigir que a Ucrânia-vassala permita a construção de uma base da Organização na fronteira com a Rússia a 450 Km de Moscou. E os povos europeus, em grandes manifestações e em várias cidades, exigindo “*FORA OTAN!*” Tudo isso é omitido na análise da Profa. Svetlana. Os motivos apontados por ela para a implantação da base no país, não correspondem aos fatos. E sua assertiva, de que “*Putin conseguiu fortalecer a OTAN e militarizar a Europa*” é absolutamente fora da realidade.

(g) Outras assertivas da professora vão na mesma direção. Todas padecem da mesma ‘enfermidade’. Acho que minha réplica já tocou nos pontos mais importantes. Não é preciso comentar outras avaliações políticas equivocadas da professora Svetlana, por exemplo, chamar o golpe escandaloso da Praça Maidan de “movimento democrático do povo ucraniano”. Ou que Putin “*condenou a população russa a uma crise econômica profunda*” (com o rublo se fortalecendo a olhos vistos e os mercados da China e da Índia abrindo-se à Rússia como nunca) e “*transformou a Rússia num país terrorista nuclear (sic!) e promoveu a militarização (sic!) da Europa*”. Oh céus!...

Em Tempo 1: segundo Noam Chomsky, “Todos os presidentes norte-americanos, sem exceção, desde a Segunda Guerra Mundial, têm sido verdadeiros criminosos de guerra”. E criminoso de guerra (americano, israelense ou ucraniano) é – em essência – um nazista!

Em Tempo 2: a recente declaração do ex-premier de Benin, no sentido de que “Os russos foram os únicos europeus que ajudaram a descolonizar a África”, joga também por terra as racionalizações sobre um suposto isolamento da Rússia de Putin.

Solicitação de réplica

A Diretoria do biênio 2021-2023 atendeu à solicitação do associado Emerson Leal, por acreditar que o *Jornal ADUFSCar* é um espaço privilegiado para a promoção de debate qualificado e reflexão sobre assuntos de temas contemporâneos. O texto, enviado em junho de 2022, é uma réplica ao artigo “*O que Putin quer na Ucrânia*”, de autoria da professora Svetlana Ruseishvili, do Departamento de Sociologia da UFSCar, publicado na Edição 02 do *Jornal ADUFSCar*.

**Paulo Matias**

Docente do Departamento de Computação - UFSCar

ARTIGO ESPECIAL

Setembro de 2022

A segurança das urnas eletrônicas nas eleições

Este ano, o Brasil terá as eleições mais seguras que já teve em sua história. O TSE promove testes públicos de segurança do sistema eleitoral desde 2009 e, desde 2017, esses testes ocorrem com maior frequência - sempre um ano antes de cada eleição. E foi em 2017 que nossa equipe obteve o resultado de maior impacto nesses testes de segurança - a capacidade de alterar arbitrariamente o comportamento do software de votação. Embora a vulnerabilidade que identificamos tenha sido introduzida após o pleito de 2016 e, como fruto de nosso trabalho, tenha sido mitigada antes do pleito de 2018 (ou seja, nunca chegou a ocorrer durante uma eleição real), nosso resultado incentivou o TSE a acelerar a implementação de melhorias estruturais no sistema, concluindo-as já em 2020, com a adoção de um módulo de segurança em hardware em 100% das urnas, que tornou o sistema muito mais robusto. Como preparação para as eleições deste ano, além

de promover testes públicos em 2021, o TSE solicitou análises de outros órgãos públicos, como o TCU, e de instituições acadêmicas, como a Escola Politécnica da USP (que trabalhou em parceria com outras universidades, inclusive UFSCar), a Unicamp e a UFPE. Nunca houve tantos olhos inspecionando o código da urna eletrônica brasileira como este ano. Somando-se a isso o fato que as pesquisas eleitorais apontam larga diferença entre o primeiro e o segundo colocados na disputa pela presidência, em alguns casos atribuindo 51% dos votos válidos ao primeiro colocado, qualquer pessoa sensata pode chegar à conclusão que as alegações de fraude que o segundo colocado vem realizando antes mesmo do pleito ocorrer tratam-se de um completo delírio.

No entanto, não devemos deixar que isso contamine discussões futuras sobre como melhorar ainda mais nosso sistema. É por causa desses delírios que, hoje, a maioria das pessoas associa imediatamente a proposta do voto impresso ao candidato que alega fraude. Esqueceram que praticamente todos

os pesquisadores (nacionais ou estrangeiros) de segurança de sistemas eleitorais recomendam alguma forma de registro físico, não somente para reforçar a segurança, mas principalmente para prover maior transparência ao processo eleitoral. Esqueceram também que a maioria dos países do mundo que utilizam sistema eletrônico de votação adotam registro físico e que, portanto, atacar esse tipo de sistema é colocar em dúvida o processo eleitoral desses países. Por fim, quase ninguém se lembra que antes do referido candidato capciosamente abraçar essa pauta como se fosse sua, foram justamente seus opositores políticos que trouxeram essa proposta para o Brasil.

Felizmente, o TSE tem buscado trabalhar em parceria com a academia não somente para realizar testes de segurança, mas também para propor mudanças mais profundas, a longo prazo. Embora a proposta do voto impresso tenha sido contaminada pelo recente uso político e técnicos do TSE a vejam com uma certa reserva (por motivo justo: os votos ficariam expostos a atos de vandalismo

por uma janela de tempo maior que hoje), há alternativas em estudo. O TSE já anunciou que estuda adotar um método de verificação fim a fim, o que tornaria o sistema eleitoral brasileiro parecido com um velho conhecido dos associados do sindicato - o Helios Voting - só que adaptado para uma votação presencial. Essa mudança faria com que o sistema brasileiro finalmente passasse a obedecer ao Princípio de Independência do Software, enunciado por Rivest - um erro não detectado no software não seria mais capaz de causar um erro não detectado na apuração. Em eleições oficiais, pesquisadores recomendam que esse método seja usado em paralelo com um registro físico às claras, para que o processo seja compreendido por qualquer eleitor leigo; mas mesmo se um registro físico não for adotado, trata-se de um grande avanço. Cabe a nós, enquanto sociedade, acompanhar esses desenvolvimentos e cobrar para que se continue trabalhando na evolução do processo eleitoral, mesmo após cessada a polêmica atualmente instaurada.

*Os textos assinados são de responsabilidade de seus autores e não necessariamente refletem a opinião da ADUFSCar.

● MOBILIZAÇÃO

ADUFSCar em Defesa da Democracia e da Universidade Pública

No dia 11 de agosto, diversos atos foram realizados por ocasião da mobilização nacional em torno da “Carta às brasileiras e aos brasileiros em defesa do Estado Democrático de Direito”, escrita por docentes da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco (USP). A iniciativa marca um movimento histórico em defesa da democracia em nosso país, diante dos ataques ao processo democrático das eleições e à votação em urna eletrônica que vêm sendo perpetrados pelo atual presidente da República.

A Carta foi lida publicamente em diversos pontos do Brasil e também nos campi da UFSCar e no IFSP campus São Carlos.

Diretores e associados da

ADUFSCar Sindicato participaram da leitura da Carta em vídeo produzido pela CCS-UFSCar e divulgada no site e redes sociais do Sindicato.

Plenárias Multicategoria

O Comitê Multicampi de Lutas (composto pela ADUFSCar, SINTUFSCar, DCE e APG) e o Comitê de Crise da UFSCar iniciaram uma série de ações contra a política de desmonte da educação pública e das universidades federais, que têm sofrido cortes orçamentários que podem inviabilizar o desenvolvimento pleno de atividades ainda em 2022. Além de panfletagens em todos os campi, integrantes dos Comitês gravaram um vídeo sobre as restrições orçamentárias por que passa a universidade

que foi enviado às/aos docentes para ser exibido nas aulas e debatido com estudantes.

No dia 18 de agosto ocorreu a primeira plenária multicategoria no campus Sorocaba e no dia 05 de setembro, em São Carlos. O objetivo é fortalecer as ações unificadas nas categorias e manter mobilização permanente.

O orçamento discricionário de 2022, utilizado para o

custeio das atividades, é insuficiente para o funcionamento da UFSCar até o final do ano: a reitora da universidade, Profa. Dra. Ana Beatriz Oliveira, afirmou, em evento realizado pela ADUFSCar no dia 03 de agosto, que faltam recursos para um mês e meio de funcionamento. É urgente a conscientização e a mobilização de toda a nossa comunidade UFSCar!



Plenária multicategoria em São Carlos



ARTIGO ESPECIAL

Por um devir-mulher da Academia:

Sabrina Ferigato

Docente do Departamento de Terapia Ocupacional - UFSCar

Os lugares em que estive desde que pisei pela primeira vez em uma Universidade sempre me provocaram reflexões sobre o lugar da mulher na Ciência: não apenas sobre onde ela se encontra, mas sobretudo sobre como ela está nesses locais, sobre quais são as possibilidades concretas para que elas realizem em plenitude seu saber-fazer e seu fazer-saber.

Não escrevo sobre isso indiferente ao fato de que eu tenha sido criada pela minha avó, uma mulher afetuosa, porém semianalfabeta, e por minha mãe, uma mulher muito trabalhadora que cursou apenas o ensino médio, enquanto meu pai, que teria completado a faculdade de Economia, tinha uma carreira relativamente bem-sucedida. Tanto para a geração da minha mãe quanto para a minha, com diferenças contextuais, conciliar a carreira docente com o casamento e a maternidade não é uma opção simples.

Parto desta referência pessoal para lembrar quão nova é a inserção expressiva de mulheres nas Universidades no Brasil e afirmar que essa novidade não nos livrou de todas as dificuldades da sobrecarga de duplas jornadas ou de esforço extra para reconhecimento acadêmico.

Trata-se, assim, de uma luta histórica, que vive em constante movimento pulsatório, de expansão e contração, de avanços e retrocessos.

Meus encontros pessoais e com o ambiente acadêmico tiveram uma trajetória singular, desde a qual eu me permito falar com alguma propriedade: são encontros com as áreas da Terapia Ocupacional, com a Saúde Mental e com a Saúde Coletiva.

Nestes três lugares, a presença da mulher sempre foi muito marcante. Como se sabe, as Ciências da Vida e da Saúde são marcadas muito fortemente pela presença das mulheres tanto no âmbito acadêmico quanto no âmbito assistencial, ainda mais especialmente quando se

fala sobre a produção de formação e cuidado em saúde. As milhares de profissionais de saúde que morreram na linha de frente desta pandemia, sobretudo mulheres das equipes de enfermagem e limpeza, não nos deixam esquecer disso.

Reforço a maioria de mulheres mais especialmente quando nos referimos a formação e cuidado, pois sabemos que, mesmo que o campo da Saúde contenha uma maioria de mulheres, os espaços de gestão e do alto escalão da produção de pesquisa ainda são majoritariamente ocupados por homens.

Já na minha graduação, esse recorte de gênero era atravessado também por um recorte de raça e classe. Terapeutas ocupacionais eram e ainda são majoritariamente mulheres brancas, ocupando-se de pensar a atividade humana e sua interface com os processos de exclusão e inclusão social. Atividades humanas, como sabemos, marcadas pela cultura capitalista, que é indissociada da produção de uma subjetivação machista, racista, heterocisnormativa, capacitista e colonial.

O Departamento de Terapia Ocupacional em que estou inserida, por exemplo, não possui nenhum docente homem: conta hoje com 27 docentes mulheres, das quais apenas uma é negra, nenhuma é indígena ou mulher com deficiência.

Na Saúde Mental, campo no qual desenvolvo a maior parte das minhas atividades de pesquisa e extensão, o recorte de gênero também se fez presente. Não apenas pela maioria de profissionais mulheres, mas especialmente pela surpreendente reincidência de investidas históricas pela normatividade do comportamento da mulher na saúde mental, tanto na esfera da atenção quanto da produção de conhecimento.

Li com meus próprios olhos relatos antigos, em prontuários, de internações involuntárias de mulheres em manicômios por serem prostitutas, por perderem sua virgindade antes do casamento ou por serem consideradas loucas por seus comportamentos tidos como

inadequados – todos esses relatos, respaldados por discursos pseudocientíficos e todos esses corpos, tidos como objetos de estudo e de pesquisas psiquiátricas.

Mas também li relatos atuais de construções diagnósticas pautadas na heterocisnormatividade, pela esmagadora representatividade masculina entre os grandes pesquisadores e pensadores reconhecidos como referências para o campo. Testemunhei o sequestro, por parte do Estado, de filhos de mulheres em uso de substância psicoativa, e a violação do direito à maternidade para mulheres em sofrimento psíquico, esterilizadas sem consentimento. Vivi a psiquiatrização da reação de mulheres à vivência de violências de gênero, estudei a culpabilização das mães pelos transtornos mentais de seus filhos, em referenciais consagrados no campo psi.

Neste mesmo campo, uma das mulheres brasileiras, protagonista da luta antimanicomial brasileira, a alagoana Dra. Nise da Silveira, teve seu nome vetado em 2022 pelo presidente da república para compor o hall de heroínas da pátria. Pátria mãe nada gentil!

Dona Ivone Lara, música e profissional da saúde mental, negra, que atuou ao lado de Nise da Silveira no enfrentamento da loucura confinada, tendo a arte como instrumento de cuidado, teve seu nome completamente secundarizado na história da saúde mental brasileira, história esta escrita majoritariamente por homens brancos.

Essa objetificação do corpo da mulher também se repete no campo da saúde como um todo. Mulheres que por anos foram reduzidas a alvos das políticas de saúde que, por sua vez, eram focadas em sua saúde sexual e reprodutiva. Uma Ciência da saúde da mulher que produziu, como efeito, fenômenos como a violência obstétrica e que tardou para dar a devida importância à violência de gênero como determinante sociocultural do processo de adoecimento de usuárias dos sistemas de saúde

no Brasil e no mundo.

Mas essas mulheres, continuam sendo cuidadas majoritariamente por mulheres, profissionais, docentes e pesquisadoras da Saúde que, no entanto, seguem reproduzindo, muitas vezes, as regras de uma cultura patriarcal e disciplinar que insiste em perseverar.

No entanto, essa história está mudando, sempre esteve, e estamos cada vez mais fortes enquanto mulheres no enfrentamento destas injustiças e destes equívocos históricos. A Reforma Psiquiátrica e Sanitária também instaurou novas práticas de saúde.

Eu, terapeuta ocupacional que me graduei em uma Universidade repleta de mulheres brancas, hoje sou docente da UFSCar, com estudantes brancas, negras, indígenas, pessoas com deficiência. Os temas da pesquisa na Saúde estão em modificação também. As múltiplas interseccionalidades que atravessam a produção científica estão cada vez mais em evidência, embora ainda de forma contra hegemônica.

As políticas de saúde da mulher incorporaram dimensões mais amplas do processo de produção de saúde. A humanização da pesquisa ou da assistência em saúde se faz com o protagonismo de mulheres. Mulheres que cuidam. Cuidam por serem profissionais da saúde, cuidam por serem mulheres. Cuidam da saúde, cuidam de suas casas, de seus familiares, cuidam de sua profissão, cuidam umas das outras.

O cuidado aparece, nessa minha trajetória, como uma das marcas produtoras de sofrimento para muitas mulheres, mas sobretudo é também um dos mais potentes dispositivos de sua resistência e transformação.

E de que forma nós cuidamos da Ciência? De que forma cuidamos da produção de conhecimento, do ensino, da extensão e da pesquisa? De que forma cuidamos de nós mesmas, mulheres cientistas?

Inspirada pela produção de Raissa Capasso, Debora Del Guerra e Gabriel Kieling (2021), que pensaram sobre o

tessituras entre saber, fazer e cuidar

papel do cuidado na produção de redes, me sinto convocada a pensar como essa rede de cuidados se faz também no mundo acadêmico, cuidados que se expressam por revoluções invisíveis, na construção de uma Ciência vivível.

Penso que, inicialmente, é preciso cuidar da ampliação da nossa representatividade, e fico muito feliz em poder dizer isso em uma Universidade com uma reitora e vice reitora mulheres, com uma presidenta sindical também mulher.

Num segundo plano, é preciso cuidar do deslocamento do olhar da Ciência ‘sobre’ a mulher, produzindo um olhar ‘com’ mulheres, em um deslocamento do protagonismo feminino, mas também do lugar que o feminino e as mulheres ocupam na relação com os objetos de estudos e seus sujeitos.

Imagino que é preciso cuidar da construção de espaços para o acolhimento e enfrentamento de situações de violência institucional praticada contra mulheres no âmbito acadêmico, e vejo que o sindicato tem um papel fundamental nesta ação.

É possível também, como já se faz, pensar na importância que as Universidades cumprem na transformação da cultura científica, tanto no que se refere à produção de conhecimento, quanto na formação de profissionais e pesquisadores que podem reproduzir ou transformar as práticas culturalmente instituídas. Para isso, a instauração de processos de humanização e a democratização dessas instituições ou dos espaços de trabalho acadêmico, também são medidas urgentes de cuidado.

Cuidamos dessa humanização acadêmica quando:

- impedimos o silenciamento do tema e das próprias mulheres nos nossos espaços de trabalho, como estamos fazendo hoje;

- construímos políticas e programas inclusivos com ações pró equidade de gênero, raça e afirmação das diversidades;

- ampliamos nossa comunicação interna e externa, ou seja,

precisamos nos perguntar como as universidades dialogam com as meninas nas escolas e entre si dentro das universidades, como dialogamos com os homens para que eles reconheçam e se disponham a abrir mão de seus privilégios;

- cuidamos dessa humanização e fomentamos a divulgação científica de pesquisas de mulheres e sobre mulheres, com mulheres;

- articulamos nossas pesquisas e atividades de extensão a movimentos sociais e espaços comunitários, nos territórios em que a vida acontece.

Cuidamos das mulheres nas Ciências quando restituímos a memória daquelas pioneiras cientistas que nos antecederam e foram invisibilizadas e quando marcamos o protagonismo das nossas pesquisadoras e docentes contemporâneas.

Cuidamos de nós mesmas também quando narramos, denunciemos e enfrentamos as dificuldades e os obstáculos que meninas e mulheres enfrentaram para chegar até aqui e enfrentam até hoje para persistirem nesta jornada, em seu devir cientista. Especialmente as mulheres que enfrentam outras formas de exclusão que se somam ao machismo, como o racismo, as discriminações regionais, de classe e outras desigualdades que se produzem em diferentes relações de poder.

A zona de fronteira entre cuidado e produção de conhecimento se faz mais importante do que nunca em contextos políticos como o que atravessamos agora. Um contexto inflamado pelos discursos de violência e de morte, de precarização das políticas públicas e ausência de incentivo à Ciência e à Tecnologia. Nessa conjuntura, a irrupção da atividade de cuidado é condição de sobrevivência não só para as mulheres nas Ciências, mas para a sobrevivência da Ciência enquanto dispositivo produtor de vidas que façam sentido.

Como sugere Capasso et al. (2021), sabemos que em diferentes territórios, dentro e

fora da academia, as políticas e práticas que colocam em sua centralidade a produção de vida são sustentadas por mulheres. Mulheres prenhes de mais vida, mais do que de mais valia. Nessa esfera, as redes de cuidados, na maioria das vezes protagonizadas por mulheres, se invisibilizam, mas subterraneamente seguem se capilarizando, tecendo sutis possibilidades e ações para a vida perseverar. No espaço acadêmico não é diferente.

Essa sustentação tem um custo. Cuidar produz subjetividades e corpos. Cuidar consome a própria vida e nem sempre essas mesmas mulheres recebem um cuidado recíproco das instituições e grupos que elas sustentam, ao contrário, paradoxalmente, cada vez mais, aumentam os relatos e denúncias de violência contra as mulheres no ambiente acadêmico, desde o trote de sua entrada na graduação até a pós-graduação.

Ao mesmo tempo, esse cuidado por vezes delimita, por vezes amplia um lugar social para essas mulheres no território científico, assim como o lugar da Ciência e da Universidade em suas próprias vidas.

Como resultado desse processo, muitas vezes, mulheres cientistas só se percebem cuidadas quando mergulham seu próprio corpo no cuidado coletivo por elas construído. Cuidam de si ao cuidar dos outros, pelas beiradas, já que fortalecer territórios de cuidado na universidade amplia não só a própria produção científica em sua dimensão ética e estética como fortalece nosso caminhar, o caminhar de nossas colegas, nossas estudantes, nossas filhas, netas e meninas que virão.

Separar a atividade acadêmica do cuidado é a forma de fazer ciência instituída por homens brancos ao longo da história, é separar a produção de conhecimento da produção da vida cotidiana. Pensar uma Ciência com devir-mulher, construída por homens, mulheres e por toda a diversidade que ultrapassa esse binarismo é com-

prender que produzir conhecimento é cuidar e que cuidar produz conhecimento.

Nessa perspectiva, o sentido do cuidado vai além da noção de estarmos disponíveis, de nos sobrecarregarmos com as duplas jornadas e com a falta de reconhecimento ou representatividade. O cuidado na academia reside na limpeza de um equipamento e dos laboratórios, na preparação de comes e bebes, na preservação da ambiência institucional, no registro de atas, na construção de espaços de pausas e lugares para a convivialidade, na produção de pensamento crítico, na publicação de papers que se importem em construir diálogos entre pares ou entre cientistas e sociedade que façam essa vida mais vivível. Produzir comum, produzir uma Ciência que só existe por ser necessariamente compartilhada. Partilhada com.

Mas também é importante que essa tessitura, muitas vezes silenciosa e invisível, irrompa para os espaços de visibilidade e poder institucional. Não por ‘mais poder’, mas para ‘poder mais’. O cuidado precisa habitar os espaços de gestão, de formulação e implementação de Políticas Educacionais, de Ciência e Tecnologia.

Essa insurgência é cada vez mais expressiva no espaço acadêmico e científico, com o potencial de construir redes de saber-fazer-cuidar. A pandemia foi uma expressão importante desse processo.

Mulheres cientistas que cuidam, honram sua atividade científica e também o histórico de tantas outras brasileiras que nos antecederam como: Lélia Gonzales, Conceição Evaristo, Cecília Donângelo, Bertha Lutz, Virgínia Apgar, Enedina Alvez Marques, entre tantas outras.

Como diz o ditado, mulheres são como rios, crescem quando se encontraram... Sigamos juntas!

Referência

CAPASSO, R. DEL GUERRA, D; KIELING, G. Redes de cuidado: revoluções invisíveis por uma vida vivível. São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo/Coletivo Etinerâncias, 2021.

RODA DE MULHERES

Espaço de escuta, acolhimento e força na ADUFSCar



A segunda edição da Roda de Mulheres em São Carlos, aconteceu no dia 09/09

O Comitê de Promoção de Igualdade, em parceria com o Comitê de Saúde Física e Mental da ADUFSCar iniciou no mês de agosto um ciclo de Rodas de Mulheres, que acontecerão em todas as sedes da ADUFSCar. A iniciativa visa oferecer um espaço de acolhimento e escuta, no qual seja possível a troca de experiências e afetos vivenciados por professoras dentro de suas áreas de atuação, nos espaços institucionais, na vida pessoal e familiar,

entre outros.

Em São Carlos, os encontros aconteceram nos dias 24 de agosto e 09 de setembro. A temática escolhida, “Poder, Patriarcado e R(e)xistência”, foi discutida a partir da apreciação de uma produção artística de autoria de Carla Silva (DTO) e Fernanda Ribeiro, que mediaram a roda de conversa, e Paula Tatiana Cardoso. Repleta de analogias e simbologias, a instalação artística apresenta blocos de cimento

com diferentes pesos, formatos e elementos visuais que se incorporam às peças em representação a histórias e narrativas de mulheres, constituindo-se como “blocos de r(e)xistência” em um contexto patriarcal e machista como o que vivemos.

De acordo com a professora Fernanda Castelano Rodrigues, presidenta da ADUFSCar, a realização da Roda de Mulheres é uma iniciativa do Comitê de Promoção de Igualdade, em parceria

com o Comitê de Saúde Física e Mental, coordenado pela Tesoureira do Sindicato, profa. Paula Serrão: “Poder proporcionar espaços coletivos de debate sempre foi uma meta dessa nova gestão. Neste caso, voltados às questões de gênero, é algo muito significativo, pois permite construirmos uma rede de apoio às mulheres que fazem parte da nossa Universidade, é dar voz, é discutir assuntos que precisam ser colocados à mesa”, explica.

Exposição no Restaurante da ADUFSCar

A produção artística Poder, Patriarcado e R(e)xistência, de Carla Silva, Fernanda Ribeiro e Paula Tatiana Cardoso ficará exposta no Restaurante da ADUFSCar durante as pró-

ximas semanas, como um convite à reflexão sobre este tema que afeta a vida de todas as pessoas e, de modo muito particular, as condições de trabalho de toda a categoria docente.

“CIÊNCIA: LUTA DE MULHER”

ADUFSCar exhibe documentário e promove debate sobre os desafios das mulheres cientistas

Docentes associadas da ADUFSCar acompanharam no dia 03 de agosto, no auditório do Sindicato no campus São Carlos, a exibição do documentário “Ciência: Luta de Mulher”, produzido pelo Observatório do Conhecimento, rede de associações e sindicatos que se articula em defesa da universidade pública e da liberdade acadêmica.

Por meio do relato da trajetória real de quatro cientistas com diferentes perfis, de diferentes áreas do conhecimento, em quatro territórios distintos, um dos principais objetivos da produção é mostrar que os caminhos da ciência são para todas as mulheres.

Após a exibição do documentário, foi realizado um debate sobre os desafios que as mulheres enfrentam na ciência diante da estrutura machista da sociedade. A profa. Monica Stival, representante da ADUFSCar no Observatório do Conhecimento, mediou o debate, que contou com a participação da profa. Mayra Goulart da Silva, coordenadora do Observatório e vice-presidenta da ADUFRJ, e da profa. Sabrina Ferigato, docente do Departamento de Terapia Ocupacional da UFSCar.



Segundo a profa. Mayra, o perfil das cientistas retratadas no filme é um incentivo às meninas e mulheres a ingressarem na carreira acadêmica. “Temos inúmeras iniciativas que narram a história, muitas vezes em tom de superação, de grandes cientistas, mas que ao mesmo tempo parece ser algo inatingível, distante da nossa realidade. O documentário apresenta uma perspectiva real de carreira e de identificação com essas mulheres”, ressaltou.

Ela explica que na Ciência, assim como em todos os espaços da sociedade, os desafios impostos a nós mulheres são semelhantes aos das personagens do documentário. “Não podemos romantizar, tampouco rotular essas narrativas como histórias de superação, mas sim refletir sobre a garra na mulher em enfrentar preconceitos, desafios, é uma luta diária”, comentou a profa. da ADUFRJ.

Já a docente do Departamen-

to de Terapia Ocupacional da UFSCar, profa. Sabrina Ferigato, provocou uma reflexão sobre os desafios adicionais que as mulheres pesquisadoras e docentes enfrentam em sua vida cotidiana; partindo de sua área de conhecimento, a docente afirmou não ser mais possível continuar insistindo numa separação entre o trabalho e o cuidado e defendeu um olhar sensível às demandas das mulheres no ambiente acadêmico-científico, pontuados no artigo de sua autoria, na página 08 desta edição do Jornal ADUFSCar.

O documentário

O filme conta a história de quatro cientistas: Helena Padilha, professora aposentada da Universidade Federal de Pernambuco e diretora da Adufepe; Nina da Hora, cientista da computação, hackativista e pesquisadora de racismo de algoritmo e temas ligados à segurança digital; Maria da Glória Teixeira, professora da Universidade Federal da Bahia; e Isis Abel, bióloga e professora da Universidade Federal do Pará. As personagens são de diferentes gerações, mas têm em comum uma carreira bem-sucedida na produção do conhecimento.

São Carlos: revitalização da sede no campus

Desde o retorno presencial das atividades, no final de maio, a Diretoria da ADUFSCar fez questão de ter sua sede administrativa no campus São Carlos em pleno funcionamento.

O espaço foi todo reorganizado para garantir um ambiente acolhedor e agradável tanto para quem vai tomar um cafezinho, quanto para quem procura o nosso atendimento. É importante destacar, porém,

que devido a alguns problemas na infraestrutura da casa e à necessidade tanto de ampliar o espaço de convivência de associadas/os quanto de adequar a área de trabalho de nossas/os funcionárias/os diante da realidade pandêmica, nossa sede precisará passar por uma reforma e um projeto de ampliação e revitalização já está em andamento.

Com a retomada das atividades no campus, a casa alu-

gada pela gestão anterior da ADUFSCar como “sede temporária”, foi desativada e devolvida à imobiliária no mês de agosto. A atual Diretoria entende que não há motivos para manter essa estrutura externa e distante de nossas/os associadas/os e, mais uma vez, reafirma seu compromisso de manter o Sindicato de portas abertas para recebê-las/os.

Em momentos como os

que estamos vivendo no Brasil e nas Instituições Federais de Ensino, mais do que nunca precisamos estar juntas/os, dialogando e lutando por nossos direitos como docentes e cidadãos/ãos.

A sede administrativa no campus São Carlos está aberta de segunda a sexta-feira, das 7h30 às 19 horas.

Anote os telefones para atendimento: (16) 3351-9339 e (16) 99706-1635 (whatsapp).

Sorocaba: docentes debatem democracia sindical e melhorias na sede

A Diretoria da ADUFSCar promoveu recentemente duas Rodas de Conversas com as/os docentes em Sorocaba, mediadas pelo vice-presidente, prof. Marcos Soares. A primeira,

realizada em 30 de junho, discutiu a democracia no âmbito sindical, suas formas de representação e deliberação. O objetivo foi estimular a reflexão e o debate sobre pautas que abor-

dem desde o papel dos Sindicatos na contemporaneidade até o seu modelo de funcionamento e atuação.

A segunda atividade ocorreu no dia 24 de agosto, e teve como ponto de debate a realização de obras de melhorias na sede da ADUFSCar. Como já divulgado anteriormente, há um orçamento já aprovado pelo Conselho Fiscal, antes da pandemia, para a construção de um restaurante no local, porém a validade do orçamento do projeto findou no ano passado. A avaliação é que o valor total destinado para a obra está defasado e não cobre os custos da construção, compra de equipamentos, logística e posteriormente, a administração do espaço.

A partir das conversas entre a Diretoria da ADUFSCar e associadas/os ao longo dos últimos meses, surgiu a proposta de construir um salão multiuso para realização de assembleias, reuniões, práticas corporais, atividades em gerais; que possa ser reservado para professoras/es realizar eventos, reuniões, e que tenha instalações para cozinha, vestiários com chuveiros, entre outros. As/os docentes que participaram da roda de conversa foram favoráveis, inclusive contribuindo com ideias para o possível aproveitamento desse espaço multiuso.

A ADUFSCar encaminhará uma enquete para consulta às/os associadas/os sobre a obra a ser realizada na sede em Sorocaba.

Araras: pesquisa e orçamentos para possíveis reformas na sede

Já está em andamento a realização de pesquisa e levantamento de orçamentos para possíveis melhorias na nossa sede. A representante do campus, Prof.^a Nataly Lopes, e a secretária da sede, Aline Regina Dias Paulino Lozan, estão em contato com alguns profis-

sionais de arquitetura para elaboração de projetos que otimizem o espaço de convivência das/os docentes.

A previsão é que no mês de setembro, as propostas sejam encaminhadas para a Diretoria e posteriormente, para Assembleia Geral.

Lagoa do Sino: serviços de terraplanagem para futuro estacionamento e jardim

Os serviços de terraplanagem para preparação do estacionamento foram finalizados no mês de agosto. A comunidade UFSCar será beneficiada e todas/os ganharão com a realização desse espaço de uso comum, que está sendo realizado em parceria com a Administração do campus. O representante da ADUFSCar no campus, Prof. Fábio Grigoletto destacou que no local onde foram derrubados os eucaliptos e árvores que apresentavam riscos de quedas, será feito o plantio de grama e paisagismo.



Terraplanagem na sede Lagoa do Sino

● **ENTREVISTA** | Taís Bleicher – Docente no Departamento de Psicologia – UFSCar

A importância de uma política de atenção psicossocial na Universidade

Os perversos efeitos das condições políticas, sociais e econômicas do nosso país se materializaram em perdas, sofrimento e/ou adoecimento da nossa comunidade universitária. A ADUFSCar está empenhada em produzir subsídios que permita exigir as providências necessárias e urgentes, por parte da UFSCar, para a promoção da saúde e de melhores condições de trabalho e de vida.

Em recente reunião com a Profa. Taís Bleicher, do Departamento de Psicologia, a presidenta da ADUFSCar, Profa. Fernanda Castelano Rodrigues destacou a necessidade de incorporar as questões da saúde mental das professoras e professores, e de toda comunidade universitária, nas discussões e nas pautas de luta do Sindicato. “Os Comitês de Saúde Física e Mental, de Promoção da Igualdade e de Aposentadas e Aposentados tem trabalhado de forma articulada, propondo e agindo em questões que são prioritárias para a categoria, e a implementação de uma política de atenção psicossocial é uma delas. Esses comitês têm o potencial de induzir ações promovidas pelo Sindicato e estão permanentemente abertos à participação de associadas/os interessadas/os em participar, discutir e sugerir”, explica.

De acordo com a Profa. Taís Bleicher, para falar de políticas públicas, é preciso compreender que a ação ou inação a respeito



Ato em prol a vida e pelo direito de existir, realizado em 23 de agosto, no campus São Carlos (Crédito: Lucas Peres /Souluz Group)

de um problema social fala sobre o que somos como sociedade. “Se um tema não está na agenda da política pública, isto significa que, para a gestão, ele não possui importância. No caso da Atenção Psicossocial, na UFSCar, embora possa-se defender que ela entra na agenda de algumas gestões institucionais, não temos outros elementos para que ela possa se constituir como política, de fato: apesar do esforço de um grupo de trabalho em redigir as suas diretrizes, hoje, ainda não há um marco legislativo para a Atenção Psicossocial na UFSCar, com objetivos, marcos jurídicos, administrativos e financeiros. Para que essa política pública possa ser, também, gerencial, é necessário que haja uma equipe responsável pela sua implementação, com carga horária específica para estas atividades”, afirma.

Segundo a pesquisadora, o pri-

meiro passo para se trabalhar com políticas públicas é o levantamento de dados que darão as diretrizes para a atuação. “No caso da Atenção Psicossocial na Universidade, precisamos conhecer os determinantes psicossociais, educacionais e laborais de sofrimento de toda a comunidade e, a partir daí, criar múltiplas estratégias de enfrentamento. O que, na Saúde, chamamos de “Plano Terapêutico Singular”. Ou seja: se uma pessoa apresenta um quadro de depressão porque não consegue aprender, a resposta deve ser educacional; se apresenta um quadro de ansiedade porque não consegue se manter, financeiramente, a resposta deve ser no âmbito financeiro. Estratégias que não se articulam com os problemas reais que as pessoas vivem não terão eficácia, ou terão baixa eficácia”, justifica.

A Profa. Taís esclarece ainda que

as modificações necessárias para que a UFSCar enfrente os seus problemas de sofrimento psíquico perpassam toda a comunidade universitária e diferentes estratégias, que, como em todas as políticas públicas, precisam ser monitoradas e avaliadas sistematicamente. “Hoje, a UFSCar apresenta inúmeras iniciativas individuais ou de alguns grupos na tentativa de oferecer alguma forma de cuidado, especialmente, ao estudante universitário. No entanto, enquanto não houver uma gestão institucional da Atenção Psicossocial na universidade, como uma política pública, que atua a partir de levantamentos, inclusive os epidemiológicos, e a partir de conhecimento científico e atual, continuaremos assistindo o devastador cenário em que, hoje, encontramos-nos. Além disso, com trabalhadores em sofrimento, dificilmente conseguiremos proporcionar um ambiente saudável para os nossos estudantes. Por isso, uma política de Atenção Psicossocial precisa ser integral para toda a comunidade universitária, pensando em cada grupo populacional a partir de suas vulnerabilidades específicas” argumenta.

Faça parte dos Comitês da ADUFSCar!

Envie um e-mail para adufscar@adufscar.org.br e informe o comitê em que deseja atuar

● Convênios ADUFSCar

Atenção associadas/os! Confira os estabelecimentos e serviços parceiros do Sindicato

Associadas/os ADUFSCar têm acesso a diversos benefícios oferecidos pelo Sindicato. Além da rede que oferece descontos e condições especiais em serviços/ produtos para nossos associados, a ADUFSCar conta com assistência jurídica, plano de saúde e odontológico, e aulas virtuais de yoga. E seguimos trabalhando na ampliação dessa rede.

Acesse nosso site e conheça os detalhes de cada convênio e as condições oferecidas aos associados do Sindicato.

SÃO CARLOS: Mercearia 3M, Vinho & Ponto, Restaurante Mãe Natureza, Restaurante Sabor & Saúde, Clínica de Vacinas Previmune, Clínica de Pilates Corpo e Mente, Escritório de Contabilidade Marta Rodrigues Valério e Ribeiros Cabeleireiro e Estética

ARARAS: Escola Excellent Global Idiomas, Descontão Farma, Óticas Barreto, Restaurante Empório Cosí, Campneus Araras, Hotel Marques, Hotel Girardelli e Hotel Fazenda Shangri-Lá (Brotas).

SOROCABA: Empório das Frutas e Sucos, Colégio Beija-Flor, Colégio Ser, CCBEU - Centro Cultural Brasil Estados Unidos, Academia Sparta

LAGOA DO SINO: Restaurante Canto do Lago e Farmácia Biodrogas

CONVÊNIO COM O SESC
Associadas/os ADUFSCar podem solicitar sua inscrição na classe MIS (Matrícula de Interesse Social) que dá direito a todos os benefícios do

SESC, menos os serviços odontológicos e reservas de hospedagem na unidade de Bertogã. Neste primeiro momento, em que pesem nossos esforços, o SESC não permitiu estender o benefício aos aposentados e aposentadas, mas continuaremos pleiteando mais essa conquista.

Acesse nosso site ou entre em contato com a ADUFSCar para saber mais informações sobre a inscrição e o pagamento da taxa anual!

FILIE-SE JÁ!

A filiação ao Sindicato fortalece e amplia a representação das professoras e professores da UFSCar e do Instituto Federal de São Carlos, na luta pela manutenção das conquistas, ampliação dos

direitos e valorização da carreira docente. Acesse o site da ADUFSCar ou entre em contato pelo e-mail adufscar@adufscar.org.br e solicite já a sua ficha de filiação.



Seleção de Wilson Alves Bezerra
DL UFSCar – São Carlos

LEIA TAMBÉM

Setembro de 2022

PARA ESTE PAÍS (Lubi Prates)

Por ocasião do bicentenário da Independência do Brasil, selecionamos para esta edição, dois poemas que compõem a antologia Um Brasil ainda em chamas – antologia de poesia brasileira contemporânea, publicada este ano em Portugal, pela Editora Contra Capa, organizada por Wilson Alves-Bezerra e Jefferson Dias.

para este país
eu traria
os documentos que me tornam gente
os documentos que comprovam: eu existo
parece bobagem, mas aqui
eu ainda não tenho esta certeza: existo.
para este país
eu traria
meu diploma os livros que eu li
minha caixa de fotografias
meus aparelhos eletrônicos
minhas melhores calcinhas
para este país
eu traria
meu corpo

para este país
eu traria todas essas coisas
& mais, mas
não me permitiram malas

:o espaço era pequeno demais
aquele navio poderia afundar
aquele avião poderia partir-se
com o peso que tem uma vida.
para este país
eu trouxe
a cor da minha pele
meu cabelo crespo
meu idioma materno
minhas comidas preferidas
na memória da minha língua

para este país
eu trouxe
meus orixás
sobre a minha cabeça
toda minha árvore genealógica
antepassados, as raízes
para este país
mas minha bagagem pesa tanto.

BRASIL (Augusto Meneghin)

Brasil não sou um pão
Como andam suas novas meias?
Já descobriu o sentido de suas cores e palavras?
Brasil preciso de um colírio que me enjoe
Estou realmente apaixonado pelo Rio São Francisco
Você viu o que fizeram no regime militar?
Brasil eu te dou cem reais e você me devolve uma favela
Ontem mesmo alguém virou um número de balas perdidas
Brasil eu quero chorar mas você só pensa em rir
Será que você se algemou na TV?
Brasil eu não sei o que é justiça
Quando eu era pequeno assisti a copa de 94 e tudo
parecia mágico
Mas hoje sei que era apenas o sabor daquele misto-quente

Você sabe algum segredo?
Brasil você fabrica religiões
Será que as filas são algum tipo de redenção?
Brasil suas crianças estão fodendo
Meus votos nunca decapitaram ninguém
Querida ver um quadro de Portinari sobre um massacre
no Senado
Brasil eu não sou um de seus cristãos
Há uma guerra entre os tucanos as estrelas e as forjas
Brasil seu samba não é mais negro
Foi você que comeu minha mãe e deixou meu pai sem
emprego na
Gaveta antidepressiva
& quando acabarem com nossos lagos?
Brasil você precisa transar com alguém
Precisa saber que isso não é uma piada e passar adiante
Brasil eu não sou louco
Sonhei que tinha uma ladeira cheia de poetas mortos
& eu gosto de seu Café
Brasil por que estou insatisfeito se já disseram que tenho
tudo que
Muitos não têm?

Brasil eu ainda quero chorar
Nunca li na escola um poeta Assassino ou Gay ou que
tivesse um
Vício Maldito (eu nunca soube)
Por que Brasil?
Sua porta é um grande arquivo de Secretaria
Eu nunca contei seus estados no mapa
Brasil eu quero seu cu
Não importa o que aconteça será sagrado

D. Pedro é um babaca e seu cavalo branco mentiroso
Brasil Tiradentes não é Jesus
Será que você assombrou a liberdade?
Por que ninguém traduziu o Mahabhárata?
O Redentor combina com sorvete
Brasil você é uma novela das oito sem final escrito
Brasil eu sou angústia
Já me excitei com o amor triunfante de Caravaggio
Brasil é preciso fazer alguma coisa sem chamar os médicos
Meu câncer virá de suas chaminés de diamante
Brasil seu julgamento é uma hipótese
Você ainda não corou as verdadeiras putas
Brasil você precisa de um conselho

Essa noite eu tive um sonho erótico com suas pradarias
Brasil porque é preciso morrer queimado na Amazônia
Porque eu estava vivo a partir de 87
& porque serafins me visitavam em Sodoma
Brasil eu amo São Paulo
Sou um garoto do interior que beijou Baudelaire e
abandonou as igrejas
O blues de Ray Charles me transformou em Clarividente
Brasil há muita dor
Nas entranhas de Brasília não existem violões
Brasil eu preciso de uísque
Não sou capaz de ser um trabalhador
Amanhã meu alfaiate vai tirar as medidas para meu
terno de Defunto
Brasil descobri que sou um Mistério
O que realmente me incomoda é a vastidão dos oceanos
Vou sair para comprar um cigarro & já volto
Brasil suas ampolas são metafísicas
Já cortei o cabelo em um Barbeiro Embriagado
Brasil eu não conheço o seu sexo
Brasil eu queria uma farmácia cheia de floriculturas

Brasil eu queria uma farmácia cheia de poemas
Os pardais não parecem brasileiros
As Academias são manicômios da Igreja
As Igrejas são manicômios da Miséria
Brasil eu desejo um paradoxo
Quero Augusto dos Anjos em versos brancos
& morar na Sombra de sua Melancolia
& ser agarrado pela Noite sem sapatos
& me afogar no mar poluído da Separação
& dançar até o Apocalipse
Das crianças mortas

Restaurante da ADUFSCar reabre sob comando do chef Ricardo Lobo



O renomado chef Ricardo Lobo comanda agora o Restaurante da ADUFSCar no campus São Carlos, que ficou fechado por mais de dois anos devido ao encerramento de contrato com o antigo responsável, e às restrições impostas pela pandemia. Após meses de busca ativa por pessoas e empresas interessadas em seu gerenciamento, a Diretoria da ADUFSCar priorizou a garantia das especificidades e o padrão de qualidade que o restaurante sempre teve.

Para a presidenta do Sindicato, Prof.^a Fernanda Castelano Rodrigues, a retomada do funcionamento do restaurante é mais uma importante iniciativa da nova gestão. “Esse é um importante espaço de convivência para as/os docentes da UFSCar e do IFSP de São Carlos e um dos principais serviços que o ADUFSCar presta para suas/ seus associadas/os, por isso empenhamos todos os nossos esforços pela sua reabertura. Temos várias ideias de inovações que serão realizadas até o mês de outubro, e a parceria com a Cozinha Lobo é nesse sentido, dar vida ao nosso restaurante”,

explica.

Reaberto desde o dia 23 de agosto, o Restaurante da ADUFSCar – Cozinha do Lobo funcionará, nesse primeiro momento, no período do almoço, com opção de buffet quente e frio por quilo no valor de R\$75,00. Associadas/os ADUFSCar terão desconto de 10% nas refeições e convidados e familiares, desde que acompanhados por um associado, terão desconto de 5%. O menu diário conta com variedade de saladas, carne vermelha e branca, massas, opções vegetarianas e veganas. A proposta é que em breve funcione também no jantar, além da abertura da lanchonete/café e opções de refeições congeladas.

Sabor e autenticidade

Animado com o novo desafio, Ricardo Lobo explica que assumir o Restaurante da ADUFSCar é uma enorme responsabilidade. “Nesses mais de 20 anos de trajetória é a primeira vez que vamos administrar um espaço com essas especificidades, um restaurante e cafeteria; outro ponto é a refeição por quilo, algo que nos desafia e que

nos deixa empolgados ao mesmo tempo”, explica.

O chef da Cozinha do Lobo reuniu a sua experiência na gastronomia com a sua brasilidade

para criar um cardápio especial para o público docente, e faz questão de que todos os seus ingredientes sejam frescos, valorizando os produtos locais. “Opções frescas, sem manipulação industrial faz toda a diferença no resultado e essa é uma das características do nosso trabalho. Fazemos nossos próprios preparos, primamos pelo sabor dos ingredientes puros e isso é perceptível nos pratos”, ressalta.

Ao lado de Hanna Paula Locher Bermudes, sua parceira de trabalho e vida, ele nos conta que as expectativas são as melhores nesse novo momento. “Em nossos planos para um futuro breve, realizaremos jantares temáticos, como “Noite de Risotos”, “Noite de Massas”, entre outros; delivery dentro e fora do campus; opções de congelados, que é algo que já trabalhamos há muito tempo também”, detalha.

Quem é Ricardo Lobo, o novo chef do Restaurante da ADUFSCar?



Ricardo Lobo tem uma trajetória de mais de 25 anos na gastronomia. Formado em Cozinheiro Chef Internacional (CCI) pelo Senac Águas de São Pedro, é chefe pesquisador da culinária brasileira em São Carlos.

Já esteve à frente de prestigiados restaurantes na cidade, como o Bistrô Sete, a Adegas Spazio 203, o Fatto Gastrobar,

o Espaço Sete, o Mosaico e o Lobo Brasil. Durante sete anos, foi parceiro da ação colaborativa Contribuintes da Cultura e, mais recentemente, dedicou-se à Cozinha do Lobo, que operou com delivery de refeições congeladas.

Venha conhecer a cozinha do Chef Lobo! Venha prestigiar o nosso Restaurante!

SIGA A ADUFSCAR
NAS REDES SOCIAIS



@adufscar

